

Memórias da Uenp: resistências

Memories of Uenp: resistance

ÁLVARO FERNANDES SOTARELLI^a

JULIANA CAROLINA DA SILVA^b

GISLAINE DOS SANTOS FIGUEIREDO CORDEIRO^c

RENATA MADUREIRA PAVAN^d

SABRINA FELÍCIO SOUZA^e

JEAN CARLOS MORENO^f

^a Graduado História pela Universidade Estadual do Norte do Paraná.

E-mail: alvarosotarelli@hotmail.com

^b Graduada em História pela Universidade Estadual do Norte do Paraná.

E-mail: ooliin.ju@gmail.com

^c Graduada em História pela Universidade Estadual do Norte do Paraná.

E-mail: inannalua@hotmail.com

^d Graduada em História pela Universidade Estadual do Norte do Paraná.

E-mail: renataapavan@hotmail.com

^e Graduada em História pela Universidade Estadual do Norte do Paraná.

E-mail: sabrina_metalica@hotmail.com

^f Professor adjunto do colegiado de História da Universidade Estadual do Norte do Paraná.

E-mail: jeanmoreno09@gmail.com

Este estudo consiste na busca pelas representações que a população da cidade de Jacarezinho (PR) edifica sobre a Universidade Estadual do Norte do Paraná. Na oralidade, as pessoas inventaram e reinventaram suas experiências com a recriação das representações que moram nas memórias que elas tecem sobre a instituição. Seguindo por esta perspectiva, a pesquisa usou como fonte análises feitas a partir da história oral com a comunidade acadêmica e com estudantes do Ensino Básico de dois colégios locais: um público e um privado. Para tanto, iniciamos os estudos tratando de conceitos como identidade e símbolos, trazendo-os para a constituição da instituição de Ensino Superior. De forma que perspectivas deram luz a questões como o distanciamento da população em relação à universidade estudada. Portanto, por intermédio deste trabalho buscamos contribuir com futuras pesquisas sobre o tema de forma prática, buscando suscitar a revisão da postura institucional frente à população local.

Palavras-chave: Uenp, memória, representação, história local, universidade.

This study can be considered as a “search” for the representations created by the Jacarezinho/PR population regarding the State University of Northern Parana. Orally, people have invented and reinvented their experiences within these representations recreation, which lies in the memories that people keep about the university. Followed by this perspective, the source used while researching were some analysis made by oral History, with the academic community and primary education students from two local schools: a public one and a private one. For this purpose, we initiated these studies dealing with concepts such as identity and symbols, bringing them to the establishment of this college. In that way, these perspectives enlightened some issues as the detachment of the population regarding the studied university. Therefore, we contribute to future researches on the topic in a practical way, seeking to evoke the reviewing of this institute’s attitude towards local people.

Keywords: Uenp, memory, representation, local history, university.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca trabalhar as representações sobre a Universidade Estadual do Norte do Paraná que habitam nas memórias que a população tece sobre esta instituição. Nesta perspectiva, intenta ser uma investigação inicial do tema tanto na academia (visto que este é o início da abordagem desta questão) quanto em relação ao trabalho de coleta do senso popular.

Portanto, buscamos contribuir com futuras pesquisas na área com reflexões que possam levar não apenas a maior participação de estudantes e docentes, mas que viabilize a chegada da população local à universidade, a fim de que esta possa ser realmente um veículo de saberes e conhecimentos.

Enleando-nos por tais intenções, iniciaremos a pesquisa tratando de conceitos como identidade e símbolos, também principiando pela construção histórica da Uenp, da Unespar e remontando a Fafija. A seguir, trabalharemos um levantamento historiográfico que se pauta nas questões de memória e narrativa, visto que o passo subsequente de nosso estudo foi o levantamento de dados com estudantes de escolas regulares da rede pública e privada.

O resultado dos questionários respondidos pelos alunos teve suas informações colhidas e exemplificadas em gráficos. Por sua vez, esta parte da pesquisa levantou questões que remontam à permanência de visões elitistas na relação entre universidade e sociedade.

Porém, devemos salientar que as visões e estudos iniciados neste escrito não serão finalizados, considerando que o presente estudo não consiste em uma tentativa de esgotar a temática, pelo contrário, representa um incentivo a novas pesquisas. Assim, buscando encabeçar futuras discussões sobre o tema, seguimos a proposta do professor Jean Carlos Moreno (2013) e costuramos as reflexões finais desta pesquisa na forma de um breve documentário a ser exposto na Semana de História da Uenp em 2014.

A seguir discutiremos a identidade e o passado, locais de onde advém tanto a cultura quanto as políticas e representações que formam a Uenp.

ENTRE AS IDENTIDADES E O PASSADO

Símbolos são objetos imaginários ou concretos que moram na fronteira do mundo real e do espaço invisível, mas que atuam no imaginário construindo

representações. Eles definem a identidade do que é representado e mostram os poderes que exercem influência sobre os objetos.

Na presente pesquisa, trataremos da Universidade Estadual do Norte do Paraná com relação às memórias que as pessoas da cidade de Jacarezinho nutrem a respeito desta instituição de Ensino Superior. Focaremos, especificamente, sobre o Centro de Ciências Humanas e da Educação (CCHE) e o Centro de Letras, Comunicação e Artes (CLCA), que se estabelecem, atualmente, no espaço que abrigava a antiga Faculdade Estadual de Filosofia de Jacarezinho (Fafija).

A Uenp advém da unificação de diversas faculdades, dentre elas a Fafija, fundada em 1960, sendo a primeira faculdade estadual fundada no Norte do Paraná (BERSI, 2013, p. 23). Devido ao longo tempo que esta instituição existiu, já que a unificação só ocorreu em 2006, ela fundou bases sólidas na identidade sociocultural da cidade.

A relação da identidade e da memória com o discurso faz-se por diversas vias, pois os símbolos identificam as cidades e, concomitante, marcam a memória dos indivíduos que têm um vínculo com elas, seja de interesse ou de necessidade. De forma que as atenções, perspectivas e subjetividades estão presentes nas narrativas populares orais, enquanto o poder institucional tentará se formar através dos discursos oficiais como veremos mais adiante.

A memória viva que se mantém nas imagens e lembranças constrói-se, muitas vezes, em oposição à visão hegemônica e à história contada oficialmente. Entretanto, interpretações que vêm carregadas de elementos gestados pela História oficial podem ser realocadas em outras visões sobre o vivido, o que nos leva a refletir sobre o sentido da História, pois tais visões (muitas vezes construídas institucionalmente) moram em fragmentos das memórias individuais e coletivas.

A construção histórica da Uenp constitui-se a partir das memórias oficiais e ofusca – embora não desconheça – as trajetórias de homens e mulheres que também são protagonistas dessa História, que compartilham lembranças e esperanças para esta instituição. Ligada inicialmente à promoção do desenvolvimento social e econômico da região, a universidade foi uma parceria do Governo Estadual e da Igreja Católica.

A educação local está, desde muito tempo, ligada à instituição católica. A presença contínua da Igreja na cidade (em diversas manifestações simbólicas e ramificações do poder) reforçou a influência exercida por ela, tornando visível sua identidade na construção da

educação e imagem urbana de Jacarezinho. Também devemos considerar que a instituição religiosa possuía dois colégios na década de 1950 em Jacarezinho: o Colégio Imaculada Conceição e o Colégio Cristo Rei, além de, posteriormente, exercer participação e parcerias nas fundações das faculdades.

A primeira tentativa de unificação das faculdades que existiam em Jacarezinho – Cornélio Procópio e Bandeirantes – resultou na criação da Unespar, mas a insatisfação local e as burocracias criadas inviabilizaram o projeto inicial. Já no governo de Roberto Requião, cogitou-se que as faculdades do Norte do Paraná integrassem a Universidade Estadual de Londrina.

A Associação dos Municípios do Norte Pioneiro (Amunorpi) e a diocese de Jacarezinho foram contrárias a esta decisão, organizando assim um movimento liderado pelo bispo Fernando José Penteado em vista da criação de uma universidade regional. Com o sucesso dessa exigência, Fernando José Penteado tornou-se o primeiro reitor da Uenp.

Desse modo, memórias, valores e políticas que permeiam a Uenp são marcados não apenas pela antiga Fafija, mas também pela própria influência das instituições locais, dentre elas o setor de comércio e a Igreja Católica. Essas influências, por sua vez, forjaram-se em discursos da memória hegemônica e foram se construindo ao longo do tempo em movimentos de recriação e renovação.

Contudo, essa memória hegemônica vai sendo realimentada dentro do processo social em que questionamentos, oposições e pressões de memórias que estão à margem indicam outras experiências também carregadas de sentidos. Em outras palavras, ela não pode simplesmente se impor como forma de dominação sobre uma população que é diferenciada tanto na sua trajetória quanto em seus valores, ela precisa ser defendida, modificada e transformada, incorporando outros significados que tenham sentido para as pessoas no presente que têm o objetivo de se conservar no parâmetro da hegemonia. Talvez a posição de distanciamento da universidade com relação à população carregue a intencionalidade de conservar antigas políticas em que as elites locais exerciam poder sobre a educação e fundavam monumentos. Nessa perspectiva, Paulo Knauss (2000) ressalta que “os objetos urbanos se caracterizam como instrumentos de educação política conservadora, a serviço do poder instituído”.

Na educação, além dos colégios particulares, estaduais, municipais e os ligados à Igreja Católica, em 1959 foi fundada a Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e

Letras de Jacarezinho (Fafija), que começou a funcionar no ano seguinte e, como salienta Tania Maria Fresca (2004), “este era o passo inicial para uma importante atividade que viria a se constituir em Jacarezinho: o Ensino Superior”. Os colégios Cristo Rei e Imaculada Conceição foram, ao longo dos anos de 1960, perdendo a importância frente às faculdades, sendo elas: Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho, a Fundação Faculdade Estadual de Direito do Norte Pioneiro, fundada em 1968, e a Fundação Faculdade Estadual de Educação Física de Jacarezinho, fundada em 1972.

Entretanto, apesar de se consolidar como um centro educacional, Jacarezinho apresenta marcas concretas e invisíveis de uma “dinâmica funcional resultante de uma fase áurea que já havia passado” (FRESCA, 2004, p. 114). Sendo este também um reflexo decorrente para a cidade ter se tornado “um lugar de drenagem do excedente social” (loc. cit.) que assiste às suas riquezas sendo revertidas para outras localidades e à uma grande parcela da população se esvaindo para outras cidades em busca de melhores condições de vida. Os moradores que ficaram, tiveram que encarar uma pesada realidade conotada no passado, em que os objetos concretos sugerem “também um forte elemento simbólico, talvez até uma forma de magia que, ao restabelecer uma parte pequena, mas emocionalmente carregada, de um passado perdido, de algum modo restabelece o todo” (HOBSBAWN, 2007, p. 27).

Assim, a figura do passado assombra tanto a cidade de Jacarezinho, quanto a Uenp, usualmente reconhecida pela população como Fafija. A seguir estudaremos alguns aspectos da memória e da narrativa, visto que é por meio delas que as pessoas refazem a visão oficial, colocando-se como sujeitos. Nelas, o narrador se reconhece e é reconhecido por aquele que o entrevista, ambos se vendo como construtores da História e atribuidores de significado e reordenação dos monumentos e poderes.

MEMÓRIAS E NARRATIVAS

A universidade deve pintar-se de branco, de preto, de mulato, de amarelo, de vermelho, ou então arrancar as portas e o povo a invadirá e pintará com as cores que quiser.

Che Guevara.

Caminhos que se fazem entre dois mundos ramificam-se em laços menores, abrem janelas, traçam lugares

que vivem e se repartem dentro das lembranças. Cada um destes mundos é uma memória individual ou coletiva que fazem parte de nós desde quando nascemos até o último suspiro dado ao final de nossas vidas. Nessa perspectiva de memória, “A cada passo que damos, a cada situação que vivenciamos ou presenciamos, ou mesmo no silêncio, sempre muda, ela está presente” (ARDÉRIUS, 2010, p. 16).

A memória individual é centrada no indivíduo, sendo única na medida em que este também o é, enquanto a memória coletiva envolve outras pessoas que fazem parte de nosso crescimento, formação ou que apenas nos rodeiam (como em círculos de convivência). De forma que a memória construída na coletividade está ligada às nossas vivências em sociedade, destacando-se suas intersecções em: memória social, memória cultural e memória histórica.

O fazer memorialístico da sociedade, da cultura e da história que habita e é inerente à coletividade, pode ser revisitado (embora não revivido) em objetos, imagens e representações de tempo que nos ligam, como fios de lembranças, ao passado. A este ponto, podemos ilustrar a etimologia do signo *lembrar*: “‘Lembrar-se’, em francês *se souvenir*, significaria um movimento de ‘vir’ ‘de baixo’: *sous-venir*, vir à tona o que estava submerso” (BOSI, 2007, p. 46).

Contudo, “Os atos da lembrança são também, ao mesmo tempo, atos emocionais, de afeto, de pensamento e estão a serviço das necessidades da ação imediata” (CARRETERO, 2007, p. 57). Por esta via salientamos que a memória se torna acessível por meio da fala e da narrativa, sempre suscetível ao presente, às subjetividades, fabulações, omissões e às diversas intenções que moram na construção “artesanal de comunicação” (BENJAMIN, 1996, p. 205).

A narrativa se faz na memória, “ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (Ibidem, p. 204) e está em constante construção, pois se relaciona ao presente, às lembranças e às expectativas futuras, dialogando com a própria identidade do narrador.

Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (Ibidem, p. 205).

Assim, o “lembrar-se”, ao tocar a memória, faz com que o passado não só venha “à tona das águas presentes,

misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência” (BOSI, 2007, p. 47), aparecendo a memória como uma “força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (Ibidem, p. 47).

Acerca da metodologia do presente trabalho, a partir de uma pesquisa realizada com estudantes do Colégio Estadual Rui Barbosa e do Colégio Elo, remontamos algumas visões que são recorrentes na cidade acerca da universidade e percebemos como os jovens encaram esta instituição e quais suas expectativas com relação à Uenp.

Observamos, principalmente, a universidade em seu papel dentro da dinâmica social, o que reforça e estabelece uma função – tanto social como cultural – sendo suscetível à atribuição de representatividade pela população local. Quando a representação social é nula ou minimizada aos olhares dos cidadãos, podemos visualizar que sua função social está deficitária, além de que determinados padrões sociais estão sendo fomentados fugindo da missão de desenvolvimento local e manutenção da democracia.

Portanto, dos resultados da pesquisa, tiramos a base para um material de cunho documental em que buscamos mostrar a visão de algumas pessoas cujas vidas são ligadas, de formas próximas ou distantes, à memória que forma a Uenp. Considerando que a memória social se constrói ao longo de muitas gerações, todas mergulhadas em relações determinadas por estruturas sociais, e que sua formação implica na referência ao que não foi presenciado, – ou seja, na representação de processos e estruturas sociais que já se transformaram – muitos relatos recaíram sobre a História da Fafija.

Naturalmente, a geração atual possui vestígios dos padrões sociais que a antecederam, potenciais suportes de sua memória que, por sua vez é, como qualquer experiência humana, um campo minado pelas lutas sociais. Um campo de luta política, de verdades que se batem, no qual esforços de ocultação e de clarificação estão presentes na disputa entre sujeitos históricos diversos que produzem diferentes versões, interpretações, valores e práticas culturais.

Assim, nosso principal empenho é mostrar que a memória histórica retratada institucionalmente e pelos meios midiáticos, constitui uma das formas mais poderosas e sutis de legitimação do poder, não mostrando o passado ou o presente, mas se baseando

em expectativas futuras. Reconhecemos que o poder estabelecido é o que se define ao longo do tempo histórico, isto é, quais memórias e quais histórias devem ser consideradas para que seja possível estabelecer certa memória que dê voz aos diversos atores que compõem a História.

Refletir esta direção significa se atentar à forma que diferentes sujeitos vivem e lidam com as transformações históricas da Uenp em suas culturas, ou melhor, em seus modos de se reconhecer como construtores e participantes deste órgão público.

Compreender a Uenp dessa maneira significa resgatar as marcas dos sujeitos que experimentaram no seu dia-a-dia as tensões, fazendo da universidade um campo de lutas, a fim de entender, sobretudo, as razões pelas quais apenas alguns agentes permanecem atualmente como participantes da História oficial, definindo direitos e tentando, com isso, definir também os sujeitos da História da universidade.

Trata-se, então, de pensar a relação entre universidade e seu patrimônio histórico como expressão de tempos em disputas por direitos à História e à valorização social. O presente trabalho depara-se com a valorização e preservação do patrimônio memorialístico, constituindo uma forma de envolver a comunidade, permitindo que tenha consciência de si em relação à universidade enquanto expressão do Poder Público. Concomitantemente, a valorização da identidade que mora nas memórias faz com que se intensifique o sentimento de pertencimento.

Em outras palavras: a memória gira em torno de um dado básico do fenômeno humano, a mudança. Se não houver memória, a mudança será sempre fator de alienação e desagregação, pois inexistiria uma plataforma de referência e cada ato seria uma reação mecânica, uma resposta nova e solitária a cada momento, um mergulho do passado esvaziado para o vazio do futuro. É a memória que funciona como instrumento [...] de identidade, conservação e desenvolvimento que torna legível os acontecimentos. (MENEZES, 1984, p. 34).

Portanto, a memória social é decisiva para a construção de sentido da dimensão histórica da sociedade. O processo de desenvolvimento social passa a ser percebido como algo sujeito às mudanças que se formam por intervenção das forças sociais do presente, a partir de acúmulos produzidos historicamente. Ao assinalar que “vivemos no longo prazo”, Braudel (1996) indica

que as reorganizações da vida social se fazem em presença de um agrupamento sucessivo e contínuo de mudanças produzidas a longa duração, que deságuam na realidade atual condicionando alternativas de construção do futuro.

Afinal, a conscientização acerca da construção histórica é uma maneira de buscar o ativo posicionamento no presente. A partir disso, as pessoas comuns, a população local, os servidores públicos e os estudantes devem ter a possibilidade de se posicionar frente à construção do futuro da universidade sob a mediação do passado. Posição atingida pela memória coletiva mediante os suportes de memória, como o acesso aos patrimônios socioculturais e às experiências que estes carregam, transportando a memória social de uma geração à outra.

SOBRE OS DADOS COLETADOS

Colégio Rui Barbosa

Parte da pesquisa foi realizada com análises feitas com estudantes do Colégio Estadual Rui Barbosa. Com o nome de “Escola Normal”, esta instituição foi a primeira escola estadual de Jacarezinho, cuja construção só se deu em 1938, tendo como uma das finalidades movimentar o comércio. Como narrou Aimone (1991) acerca das decisões de criação do Colégio Estadual Rui Barbosa:

Criar aqui em Jacarezinho uma ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA, onde os filhos desta rica REGIÃO irão recebendo DIPLOMAS, as famílias vêm para cá, o comércio aumenta e os professores que aqui forem nomeados, receberão um belo ORDENADO e somente irão gastar aqui, como todas as famílias dos estudantes. (AIMONE, 1991, p. 143).

Tal discurso teria sido a base de argumentação estabelecida entre os poderes locais e Manoel Ribas, então interventor federal no estado do Paraná. Assim, observamos mais uma vez os interesses particulares e a educação posta como investimento, a cidade como construção social, mas também, como edificação de poder.

Em 1938 iniciaram-se as atividades da “Escola Normal”; em 1960 inicia-se o ensino técnico do comércio e também o ginásio noturno e, a partir de 1972, o curso colegial noturno tem início.

Atualmente a maioria dos alunos pertencem à classe média-baixa, provenientes das zonas urbana, suburbana e rural. O quadro de funcionários da instituição é composto por 21 trabalhadores de serviços gerais, dez técnicos administrativos, um assistente de execução, uma secretária e corpo docente com 97 professores, cinco especialistas em Educação, diretor geral e diretores auxiliares, sendo uma escola imponente na cidade pelo seu grande porte, somente comparada à estrutura dos antigos colégios católicos.

Fizemos uma pesquisa com dezessete estudantes no Colégio Estadual Rui Barbosa cujas idades variam de dezesseis a dezoito anos. O processo de coleta foi auxiliado pela professora dentro da sala de aula. Os estudantes realizavam perguntas de cunho informativo, mostrando grande afastamento com relação às questões ligadas a Uenp. A apatia por parte de grupos da sala era notável, mas, mesmo com esta sensação, todos responderam o questionário proposto com suas peculiaridades e interesses.

Colégio Elo

A outra escola na qual realizamos a pesquisa foi o Colégio Elo, que se dedica aos Ensinos Infantil, Fundamental, Médio e Pré-Vestibular, e surgiu da união de antigos colégios particulares. A instituição participou do ENEM 2011 com taxa de participação de 67,39%, sendo 31 o número de participantes. A nota média da escola em todas as áreas, segundo avaliações, foi de 561,64.

Nesta instituição, a curiosidade dos alunos acerca do questionário foi notável, embora ainda alguns casos de desinteresse se manifestassem em respostas curtas abrigadas entre o simples “sim” e “não”.

Os estudantes e o tema escolhido

Pelos questionários (que continham as mesmas questões) realizados com estudantes do Colégio Estadual Rui Barbosa e do Colégio Elo, remontamos algumas visões acerca da universidade que são recorrentes na cidade. A percepção central foi como os jovens encaram esta instituição e quais suas expectativas com relação à Uenp.

A representação social é minimizada aos olhares dos cidadãos, podemos visualizar que a função social da universidade está deficitária e que determinados padrões sociais – que fogem à missão de desenvolvimento local e à manutenção da democracia – estão sendo fomentados.

O Colégio Estadual Rui Barbosa, instituição pública, com alunos provenientes de classe média-baixa contrasta com o Colégio Elo, já que é uma instituição privada que atende a estudantes de classe média-alta. Ambos estão localizados na região central de Jacarezinho e têm os alunos entrevistados cursando o Ensino Médio. Notadamente, têm perfis de realidades distintas em questão econômica, o que altera a condição e a forma como a juventude e as expectativas de futuro são vivenciadas pelos entrevistados.

Entre as respostas sobre a representação da Uenp para os estudantes, em ambos os casos, foram citadas referências de faculdades isoladas (às vezes apenas uma ou outra), como: “Faculdade de Educação Física”, “Faculdade de Direito”, “Faculdade de Filosofia”, esta também sendo interpretada como uma alusão a Fafija.

Tais informações denotam o desconhecimento dos jovens estudantes de Jacarezinho em relação à maioria dos cursos ofertados pela instituição. Este fato se dá pela deficiência da própria universidade no que tange divulgação, promoção e projetos de extensão universitária à comunidade local. Há, também, o papel da própria cultura escolar que desvaloriza os cursos de licenciatura, de maneira mais enfática os que são oferecidos na “Faculdade de Filosofia”.

Na instituição escolar privada há uma cultura curricular de formação e capacitação de candidatos aos vestibulares, preferencialmente para os cursos mais concorridos do país por questão de status e rendimento financeiro. Por consequência, a grande maioria dos alunos entrevistados no Colégio Elo respondeu ter pouco conhecimento sobre a Uenp e, inclusive, desinteresse pela mesma, exceto pelos cursos de Direito, Fisioterapia, Agronomia e Veterinária. Contudo, existiram equívocos de entendimento e desqualificação com relação às instituições públicas, como a Uenp, pois alguns estudantes relataram a preferência em graduar-se em universidades particulares.

Na instituição escolar pública, a referência à universidade pelos alunos também era pouca, porém havia interesse de alguns em ingressar na Uenp. Em ambas as escolas o ponto de referência comum sobre a universidade foram as memórias das instituições anteriores reconhecidas isoladamente, como já citado acima.

Exemplificando os resultados, separamos abaixo três questões propostas no Colégio Estadual Rui Barbosa e suas respectivas porcentagens de respostas:

Qual a classe social, cultural e econômica de quem frequenta uma universidade?

Respostas:

- (a) “Todas as classes sociais” – seis estudantes escreveram frases com este teor;
- (b) “A uma parcela razoável da sociedade” – presente em quatro respostas;
- (c) “A classe social com maior poder aquisitivo” – 6 estudantes escreveram frases contendo este teor, havendo, porém, em alguns casos a seguinte observação: “com alguns avanços, a classe C está tendo mais oportunidade de ingressar nas universidades”;

Um estudante não respondeu.

O gráfico ao lado representa o apanhado de respostas.

Gráfico 1. Qual a classe social, cultural e econômica de quem frequenta uma universidade?



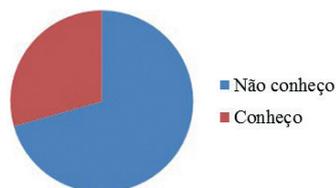
Conhece os cursos que a Uenp oferece? Se sim, diga-nos se pretende cursar algum deles.

Respostas:

- (a) Doze alunos afirmaram o desconhecimento;
- (b) Cinco disseram conhecer;

O gráfico ao lado representa o apanhado de respostas.

Gráfico 2. Conhece os cursos que a Uenp oferece?



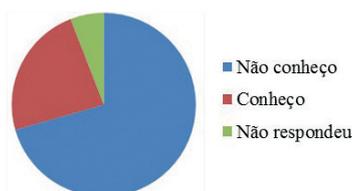
Conhece alguém que tenha frequentado a Uenp?

Respostas:

- (a) Doze estudantes afirmaram desconhecer;
- (b) Quatro disseram conhecer ex-estudantes da Uenp;
- (c) Novamente um aluno não respondeu.

O gráfico ao lado representa o apanhado de respostas.

Gráfico 3. Conhece alguém que tenha frequentado a Uenp?



CONCLUSÃO

Não satisfeitos com a generalização das respostas, embora esse fato explique muito, fomos averiguar onde se iniciam o déficit da informação popular e o desinteresse por esta instituição de Ensino Superior de grande influência no poder político e religioso da cidade e região.

O desinteresse dos estudantes pela Uenp pode ser resultante da política estabelecida ao longo da História

da Fafija, Unespar e, atualmente, sua própria. Pois, em nenhum momento das criações, da faculdade às universidades, houve uma consulta com a sociedade local e regional, exceto aos setores hegemônicos. Além disso, os dados geopolíticos e sociais da região certamente foram levantados pelo IBGE. Dessa forma, não existiu na fundação das instituições o sentimento de pertencimento à população que, desde o início, teve seus interesses considerados apenas no campo das ideias. Espelha-se assim um contraste nas missões da Uenp: preocupar-se com

o desenvolvimento local e a permanência estudantil, ao mesmo tempo em que estabelece medidas para os cumprimentos de tais intenções.

Portanto, o desconhecimento da população local quando o tema se trata da Uenp acusa questões inquietantes, tais como: É lógico que, em quase oito anos de exercício, a instituição que foi criada para servir a região seja pouco reconhecida pela população local que vive entre a sede administrativa e quatro centros de estudos? Inclusive não ser reconhecida pelo público alvo da cidade sede da instituição, os jovens estudantes?

Em vista destes pensamentos há de se levantar esta problemática e trabalhar para a mobilização de uma nova consciência histórica do papel social da universidade para a comunidade externa. Este deve ser tanto um trabalho dos docentes e administradores quanto dos estudantes, embora, seguindo a tendência observada, esta última parcela seja preterida em decisões e participações dentro da própria universidade.

O presente trabalho buscou refletir acerca das questões levantadas que evidenciaram o afastamento da sociedade local em relação à Uenp e a desvalorização desta na visão popular. Uma vez que a apatia dos jovens se faz pela distância e pelas políticas que vigoram internamente, refletindo a forma como é representada, ou melhor, a ausência que a universidade faz na memória local. Procuramos trabalhar essa distância e a problematização na forma de vídeo, por causa da maior acessibilidade, podendo ser veículo para suscitar questionamentos e discussões.

Disponível no canal “XXVI Semana de História” do portal YouTube, ele é iniciado com o título do trabalho e imagens que mostram a Fafja e retratam sua memória com homogenia embelezada pelas falas conciliadoras de uma funcionária. Depois desse retrato do passado que marca mais a construção histórica do que a formadora da Uenp, buscamos contrastar essas lembranças com a forma como a universidade vem tratando seus alunos e a comunidade, utilizando a entrevista de um ex-estudante que atuou ativamente por meio do movimento estudantil na Uenp. Nesta parte do trabalho mais se destaca o processo pelo qual a faculdade se tornou universidade e as críticas com os jogos políticos e de interesse que tanto marcam a história dessa instituição. O produto final do presente estudo será apresentado durante a XXVI Semana de História da Uenp, seguido por debate, a fim de tecermos discussões que nos façam repensar o passado e reconstruir a história institucional.

REFERÊNCIAS

AIMONE, T. **Meu ginásio Rui Barbosa de Jacarezinho**. Jacarezinho: [s.n.], 1991.

ARDÉRIUS, F. P. **Labirinto da memória**: notas sobre a memória colectiva na Arquitectura e nas Artes Plásticas. 193 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitectura) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BERSI, R. M. A história da Uenp Jacarezinho: sob a ótica do materialismo histórico-dialético. In: SEMANA EDUCACIONAL E I SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 22, 2013, Jacarezinho **Anais...** Jacarezinho: Uenp, 2013.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo**: séculos XV-XVII. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BURKE, P. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: Edusc, 2004.

CARRETERO, M. et al. **Ensino da história e memória coletiva**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FONTANA, J. Reflexões sobre a história, do além do fim da história. In: **História**: análise, passado e projeto social. Bauru: Edusc, 1998. p. 267-281.

FRESCA, T. M. **A rede urbana do norte do Paraná**. Londrina: Eduel, 2004.

HOBBSAWN, E. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KNAUSS, P. O descobrimento do Brasil em escultura: imagens do civismo. **Projeto História**, São Paulo, v. 20, p. 175-192, 2000. Disponível em: <<http://bit.ly/2osKSM1>>. Acesso em: 19 abr. 2014.

MENEZES, U. B. Identidade cultural e arqueologia. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico**

Nacional, n. 20, p. 33-36, 1984. Disponível em: <<http://bit.ly/2osGnAI>>. Acesso em: 19 abr. 2014.

MORENO, J. C. A questão das identidades. In: _____. **Quem somos nós?** Apropriações e representações sobre a(s) identidade(s) brasileira(s) em manuais didáticos (1971-2011). 380 f. 2013. Tese (Doutorado em História

e Sociedade) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013. p. 18-22.

ROSA, A. Recordar, descrever e explicar o passado. O que, como e para que o futuro de quem? In: CARRETERO, M.; ROSA, A.; GONZÁLEZ, M. F. (Orgs.). **Ensino da História e memória coletiva**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 53-60.